



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Interculturalidade e Inclusão Social: A Folkcomunicação Como Uma Ponte Possível?¹

Betania MACIEL²

Resumo

A perspectiva interdisciplinar desta pesquisa propõe diretrizes teóricas e práticas que respondam às demandas socioculturais, tendo em vista assimetrias e exclusões educacionais, sociais, culturais, linguísticas, jurídicas, econômicas e da saúde, historicamente presentes. Até os dias atuais a *diferença* continua sendo valorada de forma depreciativa, em consequência, estar fora dos padrões sociais hegemônicos resulta em maior vulnerabilidade e exclusão social. Com o objetivo de analisar, em especial, a situação concreta dos grupos populacionais socialmente vulneráveis, a fim de identificar as suas particularidades e quais as medidas necessárias para promover, com criatividade, Pesquisas, Programas, Projetos e Políticas públicas de inclusão social e acesso à cidadania através dos estudos folkcomunicacionais.

Palavras-Chave: 1. Folkcomunicação 2. Cidadania 3. Inclusão Social 4. Desenvolvimento Local.

Introdução

Os estudos em Folkcomunicação têm uma singular origem na universidade brasileira. É sabido que as primeiras pesquisas brasileiras no campo da comunicação buscaram aporte em conceitos, teorias e reflexões provenientes da produção científica dos EUA e de países da Europa. Com o surgimento de uma escola latino-americana de comunicação, a partir de pensadores como Jesús Martín-Barbero, Armand Mattelart, José Marques de Melo, Luis Ramiro Beltran, Néstor García Canclini, Juan Dias Bordenave, entre outros, a realidade midiática e cultural da América Latina também foi

¹Trabalho apresentado no GP 5 Folkcomunicação e Desenvolvimento local de XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local- Posmex, UFRPE. E-mail: betaniamaciel@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

colocada em análise a partir de novos espaços de produção científica nas universidades brasileiras e latino-americanas.

Neste cenário, encontra-se o pesquisador brasileiro Luiz Beltrão, um dos pioneiros dos estudos em comunicação no Brasil. Além de contribuições diversas sobre a sistematização do jornalismo e das relações públicas, Beltrão engendrou o que hoje é considerada uma teoria da comunicação genuinamente brasileira: a Folkcomunicação. A constituição do conceito de Folkcomunicação data de 1967, quando Beltrão defendeu a tese de doutorado “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, na Universidade de Brasília (UnB). A tese rendeu ao pesquisador o título de primeiro doutor em comunicação no país e repercutiu internacionalmente, com elogios de Umberto Eco, entre outros expoentes.

Todavia, com a morte de Beltrão, em 1986, a abordagem foi colocada à margem durante quase uma década, sendo recolocada na agenda acadêmica pelo professor José Marques de Melo, exatamente com a realização da I Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Folkcom), em 1998, na Universidade Metodista de São Paulo e, posteriormente, em 2004, com a criação da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom), por iniciativa da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento. A partir de 2004, a Folkcomunicação ganhou novo impulso e, nas primeiras décadas do século XXI, os pesquisadores reunidos na Rede Folkcom têm demonstrado, sistematicamente e periodicamente através das conferências anuais e outras instâncias científicas, a atualidade do pensamento comunicacional beltraniano para análise da realidade cultural e comunicacional na singularidade de cada região brasileira. Pesquisas com base no pensamento comunicacional do brasileiro Luiz Beltrão são desenvolvidas, hoje, além do Brasil, em países como a Argentina, Colômbia, Chile, México, Portugal, Espanha e Itália.

Hoje, a Rede Folkcom é uma importante entidade científica, com membros de instituições de ensino superior e pesquisa nas mais diversas regiões do Brasil, sendo responsável pela organização das conferências nacionais com o apoio da Cátedra



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, tendo como presidente de honra o professor doutor José Marques de Melo.

A Rede Folkcom busca, portanto, divulgar o pensamento comunicacional do brasileiro Luiz Beltrão entre os pares da comunidade científica nacional e internacional e entre estudantes de graduação e, cada vez mais, de pós-graduação, considerando o aumento de trabalhos apresentados por mestrandos e doutorandos nos diversos fóruns de debate da Folkcomunicação e dos temas contemporâneos da comunicação.

No trânsito de informações que retroalimentam este tema sobre Folkcomunicação, Cidadania e Inclusão Social, fazem convergir os cenários rurais e urbanos, que se relacionam e se complementam na perspectiva do desenvolvimento local. Portanto, uma abordagem comunicacional desenvolvida na universidade brasileira e uma abordagem crítica da cidadania/ inclusão social desenvolvida na contemporaneidade. As abordagens teóricas da Folkcomunicação, a partir da realidade brasileira tanto em contextos rurais heterogêneos, como em cenários da cultura dos contextos populares urbanos e rurais, cidadania inclusão social, apresentam pautas e questões que fazem convergir interesses das duas correntes teóricas.

A perspectiva interdisciplinar desta pesquisa propõe diretrizes teóricas e práticas que respondam às demandas socioculturais, tendo em vista assimetrias e exclusões educacionais, sociais, culturais, linguísticas, jurídicas, econômicas e da saúde, historicamente presentes. Até os dias atuais a *diferença* continua sendo valorada de forma depreciativa, em consequência, estar fora dos padrões sociais hegemônicos resulta em maior vulnerabilidade e exclusão social. Com isso, aquele que não se enquadra nos padrões hegemônicos (raça, etnia, sexo, classe, social, gênero, geração, povos tradicionais, etc.) vive em condições menos favoráveis e passa a ser alvo habitual de preconceito e discriminação, o que resulta em exclusão da cidadania e falta de acesso e fruição a direitos considerados fundamentais, comprometendo, assim, o mínimo indispensável a uma vida digna.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Com o objetivo de analisar, em especial, a situação concreta dos grupos populacionais socialmente vulneráveis (agricultores familiares, pescadores artesanais, quilombolas, povos indígenas e seguimentos incluídos nestes no âmbito da questão de gênero, geração, pessoas com deficiência, pessoas transgêneras, homossexuais, integrantes de grupos étnico raciais etc.), a fim de identificar as suas particularidades e quais as medidas necessárias para promover, com criatividade, Pesquisas, Programas, Projetos e Políticas públicas de inclusão social e acesso à cidadania através dos estudos folkcomunicacionais.

Para Bourdieu (2013), numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, é o arbitrário cultural dominante, ou seja, uma violência simbólica, na medida em que ele é desconhecido em sua verdade objetiva de arbitrário cultural e de arbitrário cultural dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 36). A violência simbólica é a condição para a reprodução social por naturalizar e não questionar a imposição do arbitrário cultural dominante.

Assim, o acesso de minorias e grupos vulneráveis, considerados socialmente invisíveis em relações de poder, à informação é importante na medida em que se constitui em um fator de resistência à violência simbólica e de mobilidade social do indivíduo, pois ter conhecimento sobre a realidade pode favorecer o acesso a melhores condições de trabalho e de vida, além de poder exercer com plenitude seus direitos de cidadão.

Morin (2008), alerta para as ambiguidades, negativas e positivas, da globalização. Aquelas podem ser expressas pelas condições precárias de vida de grandes parcelas da população mundial, enquanto estas se referem ao fato de sermos interligados por diversas culturas, além de podermos construir nosso próprio destino em torno de um projeto solidário e inclusivo.

Assim, o acesso à informação deve ser um processo de ampliação do universo cultural do indivíduo, uma vez que sem o contato com a realidade, uma grande parte dos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

brasileiros fica excluída de práticas sociais que lhes proporcionam melhor integração e condição de exercício de sua cidadania. Vale ressaltar que esse acesso não deve se limitar aos textos impressos, tradicionalmente eleitos pela elite, disponíveis para a leitura tais como jornais, revistas, livros, periódicos, etc. Atualmente, valorizam-se ações que evidenciam costumes, crenças, tradições e comportamentos, dentre outras maneiras de participação social, presentes em várias manifestações e que repercutem fortemente nas camadas mais populares e que rompem o isolamento social que a globalização impõe a comunidades periféricas.

Por possibilitar às minorias e grupos vulneráveis a apropriação de informações e conhecimentos sobre as relações de poder em que se estrutura a sociedade, através da comunicação acessível, a Folkcomunicação favorece a compreensão do processo social global. Para Bourdieu e Passeron (1982, p. 52), “o saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contradição que as permeia”. Nesse contexto, a Folkcomunicação desempenha relevante papel no processo de inclusão social.

A Folkcomunicação é considerada uma área inovadora de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação por ser mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, uma vez que atua em fluxos bidirecionais e em ações sedimentares de processos de hibridação simbólica. Seu objeto de pesquisa se situa na fronteira entre o Folclore e a Comunicação de Massa.

O Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas e a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (BELTRÃO, 2001). Segundo o autor, ela é o processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas), fundamentado nas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

teorias norte-americanas da *mass communication* e nas teses da “Dinâmica do folclore” de Edison Carneiro.

Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Marques de Melo (1980) afirma que ela representa uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. Se o indivíduo desconhece a linguagem ou não pertence ao mesmo universo discursivo do comunicador, ele buscará conexão com grupos familiares, ideológicos ou profissionais para se esclarecer.

Para a sociedade de massa, faz-se necessária a comunicação maciça, coletiva, que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com a identidade de valores dos grupos e, dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora desintegrando ora criando solidariedades sociais.

Foi a partir da publicação do primeiro jornal impresso em larga escala e ampla distribuição, ou seja, do surgimento da mídia massiva no país, que se criaram os distanciamentos dos segmentos que passam a ser “marginalizados” porque “esquecidos” pelas grandes mídias. Esses segmentos da população contam com seus próprios métodos de transmissão de informação para sobreviver na sociedade e são considerados os usuários da Folkcomunicação e são divididos em três grandes grupos.

1. Os grupos rurais marginalizados, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.
2. Os grupos urbanos marginalizados, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.
3. Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou a estrutura social vigente.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os públicos usuários do sistema de Folkcomunicação, classificados como marginalizados, e as expressões derivadas do fenômeno da marginalidade são suscetíveis de várias significações e de conotações específicas no cotidiano e nas ciências sociais. Butler (2003a, b) afirma que todo modo classificatório é excludente.

Em 1928, Robert Park utilizou pela primeira vez a expressão marginal em artigo sobre as migrações humanas, publicado no *American Journal of Sociology*. O migrante (estrangeiro) é conceituado como um “híbrido cultural”, um “marginal”, que compartilha da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, mas não rompe com suas tradições e seu passado e nunca é completamente aceito devido ao preconceito racial, na nova sociedade em que está se inserindo. Considerando-se a essência das características (oposição à mudança/preconceito), o marginal é alguém que está à margem de duas sociedades e duas culturas que não se fundiram completamente.

Posteriormente, o marginal passou a ter significado pejorativo, sendo relacionado a um elemento perigoso, ligado ao mundo do crime, fora-da-lei, vagabundo, violento, bêbado, drogado, prostituto e ladrão; e foi utilizado para se referir “aos pobres em geral, desempregados, migrantes, membros de outras subculturas, minorias raciais e étnicas e transviados de qualquer espécie” (PERLMANN, 2007).

São aspectos importantes do surgimento e caracterização da marginalidade a influência da invasão do exterior, como ocorreu na América Latina, onde “o processo da colonização implicou não apenas conquista e invasão, mas contato cultural e manipulação diária da população indígena”, o que colocou as culturas existentes numa situação marginal; e ainda a inexistência do fenômeno em sistemas tribais ou feudais, já que o primeiro “não implicava conceito de superioridade” e, no último, “havia a aceitação tácita da sua posição e da natureza hierárquica da sociedade”.

É indispensável, portanto, a participação de pesquisadores profissionais qualificados capazes de pensar criticamente e atuar em atividades ligadas à pesquisa, desenvolvimento social e docência em questões prioritárias para a melhoria da qualidade de vida desse grupo de indivíduos, em suas múltiplas representações e em



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

variadas formas de produção/socialização/transmissão, sem perder de vista um horizonte teórico crítico de amplitude nacional/internacional, de forma que possa contribuir com o desenvolvimento do capital intelectual.

A reflexão crítica interdisciplinar sobre as relações que permeiam o debate contemporâneo também para a garantia da igualdade e da dignidade, é constituída por estudos sobre suas relações e interfaces, que são constructos da cidadania e do combate às diversas violências nessas áreas.

Reconhecer a contribuição da ciência interdisciplinar para o alcance de novas perspectivas em torno das garantias fundamentais e da preservação dos direitos humanos relacionada aos processos complexos que envolvem as diversas formas de negação de direitos: as dominações, as práticas discricionárias contra grupos sociais, as formas de controle social pelo Estado.

Pensar a Sociedade como espaço simbólico em que se forjam identidades e onde se constroem estratégias de opressão, mas também de libertação, por isso reconhece os sujeitos históricos, suas novas práticas de liberdade e expressão das subjetividades.

Discutir o problema da *diferença* e seu papel na construção da cidadania a partir de estudos culturais e históricos com ênfase no debate contemporâneo sobre as intersubjetividades, memória social, identidade, gênero, sexualidade, diversidade cultural, imaginário, discurso e linguagem, tecnologias, expressões artísticas, modos de fazer e de saber, assim como as configurações sociais e as práticas simbólicas de comunidades tradicionais indígenas e ou quilombolas, afrodescendentes, imigrantes, pessoas com necessidades especiais, assim como as relações de poder nas zonas rurais para o fortalecimento de seus saberes e práticas.

Estimular, também, pesquisas que identificam as dinâmicas das manifestações artísticas – cinema, teatro, literatura, televisão – e das práticas culturais e formas de sociabilidade urbana na diversidade das rebeldias no espaço público, como festas populares, intervenções urbanas e nas redes sociais; e, finalmente, as pesquisas que



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

analisam as formas de comportamento e de relacionamento interpessoais e nos redimensionamentos do viver em sociedade.

Nos estudos folkcomunicacionais tem ficado evidente que nem tudo que se moderniza necessariamente se ocidentaliza, e também nem tudo que se ocidentaliza necessariamente se moderniza. Esta tem sido uma das grandes tensões que os campos da comunicação e da cultura vivenciam como questão no mundo contemporâneo, e que os pesquisadores da Rede Folkcom vêm debatendo, em especial nas práticas da cultura popular e com ênfase nas práticas folclóricas como outros modos de saber, de conhecer e de se comunicar.

Desde sua primeira edição, em 1998, a Conferência Nacional de Folkcomunicação vem colocando em pauta enfaticamente esta tensão entre a evolução tecnológica da comunicação, pensada como experiência de modernização via comunicação de massa ao longo do século XX, e os usos tácticos e nem sempre modernos das práticas folclóricas e populares como modos de expressão de amplas faixas da população civil ainda no bojo do século XXI.

A comunicação, na perspectiva das margens sociais, embora estas margens sejam difusas, coloca em pauta desde 2013, com os protestos de milhares de pessoas nas ruas das cidades brasileiras, o que significa, do ponto de vista da comunicação, o estar e permanecer à margem (econômica e simbolicamente) nos dias de hoje.

E, neste caso, qual é, em sua dimensão epistêmica, o significado das práticas comunicacionais como ferramentas de subjetivação e de produção da cidadania em meio aos processos de modernização e ocidentalização do mundo? É neste trânsito entre a crítica da busca a cidadania e inclusão social e a comunicação dos marginalizados que temos optado em trabalhar em prol do que pode ser a comunicação neste século XXI, como os saberes no campo da cultura e do desenvolvimento de áreas urbanas e rurais, traduz-se em dinâmicas comunicacionais e o que as distintas práticas culturais da sociedade civil têm a ver com as distintas demandas por uma vida mais subjetiva.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A problematização acadêmica configura-se como ambiência acadêmica de circulação entre questões da teoria folkcomunicação e dos estudos culturais, desponta como um dos cenários brasileiros em que os estudos em Folkcomunicação vêm se desenvolvendo no ensino de graduação e de pós-graduação, considerando que a capital de Pernambuco se caracteriza pela diversidade étnica e cultural de sua população e pelas questões comunicacionais advindas de suas singularidades.

Desta forma, debater as relações entre comunicação, cultura e arte, contribuindo para o desenvolvimento de um pensamento crítico, considerando distintas realidades socioeconômicas e culturais que constituem as extensas geografias brasileiras e latino-americanas.

Para o avanço das pesquisas na área da comunicação e da cultura na região nordeste, em especial para os alunos, professores e pesquisadores da área de comunicação. A Folkcomunicação refere-se a um aporte teórico capaz de auxiliar a análise e a compreensão de que a cultura da mídia e a cultura popular hoje são praticamente indissociáveis e de que é necessário atualizar a abordagem das manifestações da cultura popular em consonância com as novas tecnologias da comunicação.

O debate sobre as relações entre comunicação e cultura na perspectiva da Folkcomunicação, definida por Luiz Beltrão como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

A Perspectiva teórica da Folkcomunicação entre as matrizes teóricas que constituem a pesquisa em comunicação, a Folkcomunicação emerge no final da década de 1960 como desdobramento dos modelos psicossociais da *communication research americana*, mas dela se distanciando na medida em que busca pautar questões singulares da polifônica realidade brasileira. Diante das possibilidades de se constituir a pesquisa no campo da Comunicação, que considera metodologias diversas, a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Folkcomunicação busca sua singularidade teórico-metodológica na medida em que enfatiza práticas comunicacionais socialmente marginalizadas: o folclore diante dos processos de modernização midiática e as dinâmicas comunicacionais em distintas práticas culturais.

Ao invés de se pautar exclusivamente (ou majoritariamente) pelos veículos de comunicação de massa e sua correlata cultura de massa, a Folkcomunicação vai atentar-se e dedicar-se aos aspectos que escapam do *mainstream* midiático, ou seja, dedicar-se às formas culturais de pouca visibilidade (sem agenda) nos sistemas hegemônicos de comunicação, mas que constituem o cotidiano e ambiente simbólico de amplas faixas populacionais, enfaticamente das populações marginalizadas.

A Folkcomunicação é uma disciplina científica criada pelo brasileiro Luiz Beltrão e que emerge em sua tese de doutorado. Luiz Beltrão também deu passos decisivos para a sistematização de ensino da comunicação e do jornalismo no Brasil, com publicações de importantes livros como: “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” (1960); “A Imprensa Informativa” (1969); “Comunicação e folclore” (1971); “Fundamentos Científicos da Comunicação” (1973); “Teoria Geral da Comunicação” (1977); “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (1980); “Teoria da Comunicação de Massa” (1986), entre outros.

A obra de Luiz Beltrão ganhou reconhecimento nacional e prestígio internacional, no âmbito do jornalismo e da teoria da comunicação de massa. Contribuiu com diversos segmentos da comunicação e do jornalismo, escrevendo, estimulando as novas gerações de pesquisadores, desenvolvendo cursos, formulando teorias e, principalmente, preocupando-se com o ser humano excluído do cenário comunicacional. No Brasil, por iniciativa de Beltrão, foi criado o primeiro Instituto Científico de Comunicação, o Icinform, e a primeira revista científica da área, “Comunicação & Problemas”. Como homenagem póstuma, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) realiza anualmente o Prêmio Luiz



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Beltrão, concedendo homenagens a pesquisadores e instituições que se destacam no campo da Comunicação Social.

Desenvolver e promover reflexões sobre a crítica comunicacional e cultural na América Latina na interface produtiva entre estudos folkcomunicacionais, a cidadania e a inclusão; Objetivos específicos - Divulgar a teoria da Folkcomunicação entre docentes e alunos de graduação e de pós-graduação no Brasil, além de outros públicos direta ou indiretamente envolvidos com os temas da cultura e da comunicação; - Fomentar a pesquisa em rede e de caráter colaborativo entre pesquisadores, programas de pós-graduação e grupos de pesquisa relacionados aos campos da comunicação e da cultura; - Fortalecer a Rede de Pesquisadores de Folkcomunicação em suas atividades de pesquisa e de divulgação científica e cultural em todo o país e na América Latina; - Incluir comunidades tradicionais e marginalizadas no ambiente da comunidade científica e atribuir a estas comunidades o papel proativo das práticas culturais e comunicacionais; - Contribuir para o conhecimento das manifestações culturais e vocações econômicas da região de Recife, do estado de Pernambuco e de sua área de influência no Nordeste do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1897.

BELTRÃO. L. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2004.

_____. *Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

_____. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

_____. *A Imprensa Informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

- _____. Fundamentos Científicos da Comunicação. Brasília: Theasaurus, 1973.
- _____. Teoria Geral da Comunicação. Brasília: Theasaurus, 1977.
- BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa. São Paulo: Summus, 1986.
- ESCOBAR, Arturo. Uma minga para el postdesarrollo: Lugar, médio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales. Bogotá: Ediciones Desde Abajo, 2012.
- CANCLINI, Néstor Garcia. As culturas populares no capitalismo. Editora Brasiliense, s/d.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto d Estudios Sociales Contemporâneos, Pontificia Universidade Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- DUSSEL, Enrique. Modernidade, Europa e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- LIMA, Venício Artur de. Mídia: Teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MALDONADO-TORRES, Nélon. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. Revista Crítica de Ciências Sociais, no. 80, mar., 2008, pp. 71-74.
- MELO, José Marques de; TRIGUEIRO, Oswaldo (orgs). Luiz Beltrão: Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora UFPB, 2007.
- CARNEIRO, Edison. A sabedoria popular. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- FERNANDES, Florestan. O folclore como questão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

_____. Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003. MANDEL, Ernst. Capitalismo tardio. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARTINO, Luiz C. (org); BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T. Teorias da comunicação: Muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MELO, José Marques de. Teoria da comunicação: Paradigmas latinoamericanos. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. O campo da Comunicação no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (orgs.). Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.

RIBEIRO, Darcy. As américas e a civilização. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. O povo brasileiro e A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.